



**XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**

Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade

**12 a 14 de novembro de 2024**

**Salvador - BA, Brasil**

## **TECNOLOGIA, TRABALHO, SAÚDE E CUIDADO: uma experiência de ensino feminista e contracolonial.**

**Ana Lilyan de Lima dos Santos, UFRJ, analilyan.2913@gmail.com**

**Emilly Patrícia Vaz Ribeiro Marinho, UFRJ, emillyvaz@poli.ufrj.br**

**Fernanda Santos Araujo, UFRJ, fernanda.s.araujo@gmail.com**

**Larissa Gomes Fernandes da Costa, UFRJ, larihgf1@gmail.com**

**Maria Eduarda Nogueira de Paula, UFRJ, mariaeduarda.depaula.ismart@gmail.com**

**Gabriel Henrique Garcia da Cruz, UFRJ, gabriel.hcruz@poli.ufrj.br**

**Rhaissa Barbara Dantas do Nascimento, UFRJ, rhaissanascimento@gmail.com**

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA**

**EIXO TEMÁTICO: Universidade, formação na engenharia e educação**

#### **RESUMO**

A disciplina de graduação Tecnologia, Trabalho, Saúde e Cuidado, ofertada pelo Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social (NIDES/UFRJ), tem por objetivo abordar os conceitos mencionados em seu título e suas correlações, partindo de perspectivas feministas e contracoloniais. Neste artigo apresentamos a origem da disciplina, seu programa de estudos e alguns dos resultados que vimos alcançando a partir de sua oferta para estudantes da UFRJ, especialmente dos cursos de engenharia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação; Tecnologia; Trabalho; Saúde; Cuidado.



## **XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**

Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade

**12 a 14 de novembro de 2024**

**Salvador - BA, Brasil**

### **CONTEXTO**

A disciplina Tecnologia, Trabalho, Saúde e Cuidado (TTSC) foi criada em 2022 pelo Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social (NIDES), sendo ofertada para os diversos cursos de graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) como disciplina eletiva universal. Ela é fruto da convergência de esforços de docentes e discentes da unidade em busca de abordagens interseccionais para os debates sobre tecnologia e trabalho, e seus atravessamentos pelos outros dois conceitos que compõem seu título - saúde e cuidado.

A disciplina foi ofertada três vezes, e está com sua quarta edição em andamento, sendo majoritariamente procurada por estudantes das diversas engenharias, uma vez que ela acontece no Centro de Tecnologia da UFRJ. No entanto, as quatro turmas contaram com importantes participações de estudantes de outros cursos, garantindo um espaço interdisciplinar de encontros e trocas entre diferentes formas de pensar e agir. Houveram significativas mudanças entre a primeira e a segunda versão ofertadas, mas de lá para cá pouco se alterou. O que vamos relatar a seguir parte dessas últimas experiências, com as turmas concluídas nos períodos letivos de 2022-2 e 2023-1, e a atual turma de 2024-1. Cada turma teve cerca de 15 a 20 estudantes de graduação inscritos, e elas contaram ainda com a participação de estudantes de pós-graduação que realizaram seus estágios em docência apoiando todo o processo pedagógico do curso.

### **PROGRAMA DA DISCIPLINA**

O programa da disciplina foi estruturado a partir dos conceitos-chave que compõem seu título. No entanto, antes da apresentação e debate desses conceitos, o programa prevê em sua abertura uma reflexão sobre epistemologias de resistência, que tem a intenção de provocar a turma a reconhecer as lentes (coloniais) a partir das quais enxergamos o mundo e experimentar olhares de outros ângulos. Além disso, a disciplina busca uma alternância entre momentos de reflexão orientados por leituras de materiais de referência para cada conceito e momentos de diálogo com pessoas que



**XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade  
**12 a 14 de novembro de 2024**  
**Salvador - BA, Brasil**

podem contribuir com os debates a partir de suas práticas cotidianas e experiências de vida. No quadro a seguir apresentamos, de maneira genérica<sup>1</sup>, a proposta de programa amadurecida nessas últimas versões do curso ofertadas recentemente.

Programa da disciplina

Aula	Tema	Referências <sup>2</sup>
1	Apresentação e acolhida da turma + Apresentação da proposta de programa da disciplina	
2	Epistemologias de resistência	Texto 1: KILOMBA, Grada. Quem pode falar?
3	Epistemologias de resistência	Texto 2: LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial.
4	RODA DE CONVERSA 1 - Subalternidade, Outrericidade e Epistemologias de Resistência	
5	Trabalho: produção e reprodução	Texto 3.1: FREDERICI, Sílvia. O Ponto Zero da Revolução. Texto 3.2: DAVIS, Angela. A obsolescência das tarefas domésticas se aproxima: uma perspectiva da classe trabalhadora.
6	RODA DE CONVERSA 2 - Trabalho: produção e reprodução	
7	O que é saúde?	Texto 4: BRITO, Jussara. et al. Saúde, cadê você? Cadê você?
8	RODA DE CONVERSA 3 - Saúde e Território	
9	Pausa para avaliação parcial do percurso + Orientações para o trabalho final da disciplina	
10	O que é cuidado?	Texto 5: TRONTO, Joan. Assistência democrática e democracias assistenciais.
11	RODA DE CONVERSA 4 - indefinida <sup>3</sup>	
12	Tecnologia, Trabalho, Saúde e Cuidados	Texto 6: LEGUIN, Úrsula. "The Carrier Bag Theory of Fiction"
13	Últimas orientações para o trabalho final	
14	Apresentação dos trabalhos finais, auto-avaliação e avaliação final do percurso da disciplina	

A seguir apresentamos de forma mais completa cada um desses momentos, agrupados em seis partes da disciplina.

<sup>1</sup> Dissemos que essa é uma versão genérica do programa porque a cada período é necessário fazer ajustes, a depender de feriados e outros eventos, de outras atividades de pesquisa e extensão que podem ser inseridas no programa ao longo do curso e da própria disponibilidade e interesse da turma.

<sup>2</sup> As referências completas de cada texto mencionado no quadro serão apresentadas ao longo do artigo.

<sup>3</sup> A roda de conversa 4 aconteceu de diferentes formas para cada uma das três turmas, buscando adaptar o programa a outras atividades e temas que surgiram ao longo do semestre. Neste artigo não apresentaremos cada uma dessas abordagens. Deixamos a experiência em aberto para recriação.



## **XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**

Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade

**12 a 14 de novembro de 2024**

**Salvador - BA, Brasil**

### **Parte 1: Apresentações, acolhida, avaliações parciais e orientações (aulas 1, 9 e 13)**

Entendendo a educação como uma prática de diálogo, nesta disciplina buscamos construir um espaço de acolhida para a turma, um espaço onde as pessoas possam se sentir parte, possam se sentir construindo junto um processo de ensino-aprendizado profundo, para além dos conceitos. A ideia é que a turma se constitua como um coletivo; um coletivo de aprendizado, mas também um coletivo de cuidado, no seu sentido prático e concreto. Esse esforço tem início já na primeira aula, mas segue ativo ao longo de todos os encontros. Vamos buscando formas de nos conhecer intimamente, de criar relações de confiança e reciprocidade, de provocar sentimentos de afeto, solidariedade e reconhecimento mútuos. Às vezes nos valemos de diferentes dinâmicas para isso, utilizando músicas, vídeos, exercícios de respiração, de alongamento, jogos, entre outros dispositivos que partem por vezes da professora, outras vezes da própria turma. Acreditamos que o sentimento de pertencimento é condição fundamental para o diálogo que pretendemos estabelecer na disciplina.

Na aula nove conversamos sobre os métodos de avaliação, falamos sobre os sentidos e significados da avaliação, e buscamos construir maneiras mais justas e mais próximas do real de avaliar nosso trabalho. Quando falamos de avaliar falamos de avaliar a atuação de estudantes, mas também da equipe docente, e ainda da própria universidade e suas possibilidades. A partir das avaliações parciais que elaboramos sobre o que a turma pode e quer fazer junto, e sobre as possibilidades do contexto, damos espaço para (re)planejar o programa e as atividades inicialmente propostas.

Nessa aula também dedicamos atenção à orientação para os trabalhos finais, sobre os quais falaremos mais adiante. A aula treze também é dedicada às orientações para os trabalhos.

### **Parte 2: Epistemologias de resistência (aulas 2, 3 e 4)**

Chamamos de epistemologias de resistência a ciência da aquisição de conhecimentos que tensiona a hegemonia do saber colonial (cis-branco-hétero-patriarcal) e reafirma a importância dos saberes tradicionais,



## XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade

12 a 14 de novembro de 2024

Salvador - BA, Brasil

populares e comunitários. É o esforço de trazer para o centro o que está à margem do conhecimento hegemônico, dando lugar, voz e vez para os saberes marginalizados.

Um poema de Conceição Evaristo, apresentado por um vídeo gravado pela autora, nos ajuda a introduzir o debate<sup>4</sup>.

A voz de minha bisavó ecoou criança nos porões do navio.  
Ecoou lamentos de uma infância perdida.  
A voz de minha avó ecoou obediência aos brancos-donos de tudo.  
A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias,  
debaixo das trouxas roupagens sujas dos brancos, pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.  
A minha voz ainda ecoa versos perplexos com rimas de sangue e fome.  
A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes, recolhe em si as vozes  
mudas caladas engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato. O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância, o eco da vida-liberdade.  
(Conceição Evaristo, 2017, p. 24-25)

O vídeo de Kerry Washington lendo o discurso "Ain't I a Woman", da abolicionista negra estadunidense Sojourney Truth, feito em 1851, também é utilizado na abertura do tema<sup>5</sup>.

Grada Kilomba, no livro “Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano” (2019), aborda como a ideologia colonial opera até os dias atuais, silenciando as pessoas que estão à margem dos padrões normativos de classe, raça, gênero e sexualidade como forma de subjugar-las. A autora fala de mecanismos de universalização da experiência das pessoas que ocupam lugares de poder na hierarquia dominante, impondo suas formas de fazer ciência e tecnologia. Grada ressalta a dificuldade de diálogos interseccionais na academia, espaço profundamente marcado pela violência que decorre desta longa história de opressões do permanente regime colonial. Categorizações semânticas como “objetivo x subjetivo”, “racional x emocional”, “fatos x opiniões”, “conhecimento x experiências”, possuem uma dimensão de poder que mantém as posições hierarquizadas e perpetua as violências.

<sup>4</sup> O referido vídeo está disponível pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=5QBXp-MqF18>.

<sup>5</sup> O referido vídeo está disponível pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=QM7DNHjQKnQ>



## **XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**

Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade

**12 a 14 de novembro de 2024**

**Salvador - BA, Brasil**

A prática segregadora da colonialidade também é debatida no texto de Maria Lugones, de título “Rumo a um feminismo descolonial” (2014). A autora traz uma crítica à organização do mundo moderno a partir de uma lógica categorial, dicotômica e hierárquica. Essa lógica autoriza o processo de redução ativa das pessoas, a desumanização que as torna aptas para a classificação, a sujeitificação e a investida de tornar os/as colonizados/as menos que seres humanos. Lugones apresenta as conexões entre as dimensões da colonialidade do poder, do ser e do saber, e nos provoca a olhar para as interações íntimas e cotidianas que resistem à diferença colonial. Nos convida a habitar um “lócus [que] é fraturado pela presença que resiste, a subjetividade ativa dos/as colonizados/as contra a invasão colonial de si próprios/as na comunidade desde o habitar-se a si mesmos/as” (p. 943). Dessa forma, é possível questionar a dominação e o poder hegemônico que perpetuam a opressão e a violência, reconhecendo as interconexões entre as diversas formas de resistência.

Pelas epistemologias de resistência queremos ouvir outras vozes. Quando o/a subalterno/a fala, ele/a expressa a dor, mas também a luta. A margem é um local que nutre nossa capacidade de resistir, de transformar e de imaginar mundos possíveis e novos discursos. Fechamos essa parte da disciplina dando lugar a essas vozes. A RODA DE CONVERSA 1, de título “Subalternidade, Outrericidade e Epistemologias de Resistência”, já recebeu diferentes convidadas que muito contribuíram para nutrir nossa imaginação. As apresentamos brevemente a seguir:

- Letícia Vilas Boas, assistente social, ativista preta e gorda, estuda corporalidades gordas com epistemologia decolonial e interseccional.
- Lavini Castro, educadora antiracista, coordenadora da Rede de Professores Antiracistas, historiadora, mestre em Relações Étnico Raciais, doutoranda História Comparada.
- Indianarae Siqueira, ativista trans, pute, vegane, antifascista e idealizadora da CasaNem, do Grupo TransRevolução e do Nome Social.
- Luciléia Baptista, assistente social, especialista em Ensino de Histórias e Culturas Africanas e Afro-brasileiras e em Análise e Políticas para a População Negra.
- Fátima Lima, antropóloga, coordenadora do Grupo ORI - Grupo de Pesquisa em Raça, Gênero e Sexualidade, da Casa das Pretas.



## XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade

12 a 14 de novembro de 2024

Salvador - BA, Brasil

### Parte 3: Trabalho: produção e reprodução (aulas 5 e 6)

No vídeo de título “As mulheres e a construção do novo mundo”<sup>6</sup>, Vandana Shiva diz que “no que se refere à vida, as mulheres são experts” e isso se dá porque as mulheres, ao longo da história, foram encarregadas das tarefas que a sustentam. Com esse vídeo abrimos esse módulo da disciplina, que se dedica a dar visibilidade ao trabalho de reprodução que sustenta todas as formas de vida, porém, mais do que isso, propõe mostrar sua relação de dependência com o trabalho de produção.

Silvia Federici, em “O Ponto Zero da Revolução” (2019), conta que, há séculos, o corpo feminino é colocado no mundo como o único que deve fornecer cuidados, um trabalho árduo e contínuo na vida de muitas mulheres. São tarefas relacionadas a uma fantasia coletiva de proporcionar amor e carinho, que na realidade esconde uma forma de trabalho não remunerado essencial ao modo de produção capitalista.

A autora apresenta a Campanha Internacional Salários para o Trabalho Doméstico (WFH), mobilizada por feministas na Europa da década de 70. A Campanha denunciava as relações desiguais de poder sob a não remuneração, que serviram de pilar para a organização capitalista de produção. Silvia questiona o papel do estado, da indústria e da família nuclear na manutenção dessa cadeia de exploração do trabalho das mulheres. Ressalta ainda que é a “condição não assalariada que determina a quantidade e a qualidade da tecnologia que adquirimos”, pois “se você não ganha por hora, dentro de certos limites, ninguém se importa com o tempo que você leva para realizar o seu trabalho” (p. 70).

Angela Davis, em “A obsolescência das tarefas domésticas se aproxima: uma perspectiva da classe trabalhadora” (2016), apresenta outra perspectiva, que pode ser lida como em contraposição à WFH, mas a nosso ver complexifica a questão evidenciando a multidimensionalidade do problema. Recuperando a história das mulheres negras nos Estados Unidos, Angela mostra que essas mulheres nunca tiveram o privilégio de apenas se ocupar das tarefas reprodutivas. Ela diz que

---

<sup>6</sup> Vídeo disponível pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=XcKx-uE4xrw>



## XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade

12 a 14 de novembro de 2024

Salvador - BA, Brasil

“Como militantes ativas no movimento operário, as mulheres podem gerar o verdadeiro poder de combater aquele que é o sustentáculo e o beneficiário do sexismo: o sistema capitalista monopolista.” (p. 242)

Recusando a remuneração para o trabalho doméstico, Angela propõe transformar radicalmente a natureza dessas tarefas, incorporando-as na economia industrial. Diz que é preciso acabar com a responsabilidade privada e individual das mulheres pelas tarefas domésticas e torná-las uma questão pública e coletiva.

O encontro entre as perspectivas dessas duas autoras tem proporcionado ricos debates com as turmas de TTSC, porém não alcança vislumbrar soluções aceitáveis no fosso da dominação colonial que nos assombra. Buscando escapar de respostas fáceis e insuficientes precisamos reencontrar a vida, concreta, encarnada, na experiência cotidiana de mulheres negras que resistem e se reinventam para garantir a reprodução da vida em territórios vulnerabilizados. Assim chegamos na RODA DE CONVERSA 2, que teve como convidadas, nas duas primeiras turmas, mulheres que participam do Centro de Integração da Serra da Misericórdia, na Penha (Rio de Janeiro), e do projeto Mães à Obra, na comunidade do Preventório (Niterói). A terceira turma foi agraciada com a presença de Ana Marcia, idealizadora da Lavanderia Solidária do Borel (Rio de Janeiro). Infelizmente neste artigo não caberá contar mais das histórias de resistência que essas mulheres nos contaram em sala de aula, histórias estas que tornam nítidas as profundas conexões entre produção e reprodução da vida<sup>7</sup>.

### Parte 4: O que é Saúde? (aulas 7 e 8)

Sueli Rolnik, em um vídeo gravado para a série Psicanalistas que Falam<sup>8</sup>, diz que a psicanálise reconecta-nos com nossa condição de seres vivos, parte de um ecossistema ambiental, social e mental. Ela explica que as aranhas produzem fios de seda vibratórios, permitindo-lhes sentir o ambiente. As patas da aranha, por sua vez, decifram essas vibrações, ajudando-a a construir a teia de acordo com suas

<sup>7</sup> Para saber mais sobre as experiências mencionadas, ver links:

[https://www.instagram.com/cem\\_serra\\_misericordia/](https://www.instagram.com/cem_serra_misericordia/)

<https://urbe-latam.cos.ufrj.br/2022/05/04/mulheres-maes-e-maos-a-obra/>

<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/tijuca-e-zona-norte/noticia/2024/04/06/mulheres-que-transforma-m-comunidades-da-zona-norte-por-meio-da-natureza-inspiram-peca-em-cartaz-na-zona-sul.ghtml>

<sup>8</sup> Vídeo disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=y0SDyvf71kc>



**XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade  
**12 a 14 de novembro de 2024**  
**Salvador - BA, Brasil**

necessidades. Para os humanos, o fio pulsional é equivalente, é desse contato que vem o conhecimento essencial para se orientar no ambiente e saber quais respostas o indivíduo irá dar, como ele irá agir e pensar, para que a vida se mantenha em equilíbrio. Rolnik chama isso de “saber do corpo-vivo”. É com esse vídeo que introduzimos para as turmas de TTSC o conceito de saúde.

É importante frisar que cuidado e saúde estão entrelaçados, o cuidado individual e coletivo é capaz de promover saúde a todes, mas sem ele, é nítido que sequer estaríamos aqui. Por isso, o texto “Saúde, cadê você? Cadê você?” (2003) de Jussara Brito, Mary Yale e Milton Athayde, é trabalhado na disciplina para trazer elementos constitutivos da saúde para além do que conhecemos, e que vemos e vivemos como “normal”.

Saúde é não a ausência de doenças. Quando nascemos, um conjunto de fragilidades psicossomáticas vem junto com nosso código genético, somos ainda obrigados a conviver em um meio muitas vezes nocivo. Mas existe sempre um espaço de conquista, de rearranjos e modificações possíveis. Saúde é a capacidade de lidar com o meio, refazendo-o a nosso jeito. Os autores dizem que o que caracteriza o ser vivo é, antes de mais nada, uma vitalidade, uma força, uma potência vigorosa deste para se afirmar como ser na vida. Viver também é correr riscos. Logo, sentir-se em boa saúde é sentir-se mais que normal, sendo capaz de criar e seguir novas normas de vida.

Essa abordagem da saúde, oriunda predominantemente da psicanálise, dá foco à produção da saúde pela perspectiva do indivíduo, destacando no entanto que o indivíduo vive em coletividade, em comunidade, em um território, que pode ser mais ou menos favorável à promoção da saúde. Na RODA DE CONVERSA 3 buscamos trazer vozes de mulheres, não-brancas, que atuam em seus territórios na luta pela saúde. As convidadas que estiveram com a gente nessas três turmas da disciplina foram:

- Lucinea Freitas, dirigente nacional do setor de gênero do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e doutora em Saúde Pública.
- Niara Sol, indígena Fulni-ô e Kariri Xocóindígena, profissional atuante na saúde a partir de práticas e saberes ancestrais.



## XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade

12 a 14 de novembro de 2024

Salvador - BA, Brasil

- Beatriz Alves, integrante do Coletivo Martha Trindade<sup>9</sup>, que pauta saúde, meio ambiente e cidade em Santa Cruz, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, e estudante de Enfermagem.
- Andressa Dutra, mestra em Ecoturismo, pesquisadora anti racista, coordenadora do Instituto Mirindiba de Ação Climática Popular<sup>10</sup>.

### Parte 5: O que é cuidado? (aula 10)

A ideia de cuidado vem sendo trabalhada na disciplina desde sua primeira aula. Trazer o conceito de cuidado para a sala de aula implica não apenas em debatê-lo teoricamente, mas sobretudo em estabelecer uma relação de cuidado cotidiana e permanente com a turma. Esperamos que este breve relato esteja permitindo ao/à leitor/a alcançar essa dimensão, com as limitações que um texto escrito pode ter. Dito isto, o que apresentamos a seguir é só uma parte do que vimos construindo a partir da experiência da disciplina no que tange a intenção prática e política de deslocar o cuidado para o centro.

Todas as autoras e convidadas que estiveram na disciplina e foram apresentadas até aqui de alguma forma nos levaram a pensar sobre o lugar ocupado pelo cuidado na sociedade capitalista cis-branco-hetero-patriarcal, e também nas estratégias de resistência mobilizadas pelas pessoas e grupos que estão marginalizados nesse sistema colonial. Pela leitura de “Assistência Democrática e Democracias Assistenciais” (2007), de Joan Tronto, buscamos, afinal, compreender o que chamamos de cuidado e encontrar outras pistas para a construção de uma sociedade que garanta bons cuidados a todes.

A autora afirma que o propósito do cuidado deve ser tornar a sociedade a mais democrática possível, porém muitas relações de cuidado não são relações de igualdade. Dessa forma, democratizar a vida em sociedade passa necessariamente por pensar o cuidado de maneira democrática. Mas o que é cuidado?

“Uma atividade que inclui tudo o que podemos fazer para manter, continuar e reparar nosso “mundo” para que possamos viver nele da melhor maneira possível. Esse mundo inclui nossos corpos, nós mesmos e nosso meio

<sup>9</sup> <https://www.instagram.com/coletivomartha/>

<sup>10</sup> <https://www.instagram.com/institutomirindiba/>



## **XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**

Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade

**12 a 14 de novembro de 2024**

**Salvador - BA, Brasil**

ambiente, e tudo em que procuramos intervir de forma complexa e auto-sustentável.”(Fisher & Tronto, 1990).

Essa é a definição de que parte Joan Tronto, para propor uma mudança política no sentido da democratização do cuidado. Joan destaca que é preciso compreender que o mundo é feito de “pessoas emaranhadas em redes de interesse e comprometidas com o atendimento das necessidades de outras pessoas ao seu redor” (p. 289). O sujeito liberal autônomo e independente não passa de uma ilusão. É preciso fazer uma inversão fundamental: no lugar de dependência e autonomia, interdependência e reciprocidade. O cuidado, a vulnerabilidade e a dependência mútua são centrais em toda vida humana e não apenas para alguns grupos específicos de pessoas.

A mercantilização do cuidado em escala global esconde essas relações de interdependências e desigualdades. É preciso transformar o cuidado em um valor central, em um bem comum, nas sociedades democráticas e democratizá-lo. Joan encerra seu texto apresentando seis princípios para a democratização do cuidado, são eles: (1) todos somos vulneráveis; (2) igual acesso a bons cuidados; (3) aceitar a pluralidade nas formas de cuidar; (4) escapar do modelo dual de cuidado (quanto mais pessoas/instituições responsáveis pelo cuidado melhor); (5) necessidades urgentes são direitos; (6) compreensão da crise global na perspectiva de cuidados.

### **Parte 6: Tecnologia, trabalho, saúde e cuidado (aula 12)**

O ciclo de debates da disciplina TTSC se encerra com uma tentativa de fazer um apanhado geral do que foi debatido até aqui para repensar o que fazemos e entendemos como tecnologia na sociedade capitalista cis-branco-hetero-patriarcal, e como podemos ou devemos recriá-la para dar lugar ao mundo que sonhamos. Ursula Le Guin, em seu texto “A ficção como cesta: uma teoria” (2020), nos apresenta justamente um recipiente para nos ajudar com esse apanhado.

Ela conta que uma simples história sobre a colheita de alimentos não é suficientemente incrível. Não há ação, sangue e um herói. Não há dominação, morte e um vitorioso. As lentes coloniais são incapazes de enxergar a tecnologia dessa história. Mas se o que queremos é nos manter vivos, conectados com um ecossistema



## **XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**

Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade

**12 a 14 de novembro de 2024**

**Salvador - BA, Brasil**

ambiental, social e mental, precisamos aprender a enxergar as tecnologias que servem para guardar, para preservar saberes e formas de vida que jamais serão dominadas pelo incessante processo colonial.

Nesta tentativa de conclusão, sempre parcial, contamos ainda com as contribuições de Ruha Benjamin, em uma entrevista de título “Mulheres, Raça e Tecnologia”<sup>11</sup>, onde ela conclui sua análise do processo de desenvolvimento tecnológico hegemônico nos convocando a imaginar poéticas criativas para um futuro livre da dominação.

As respostas não estão prontas. Mas a tecnologia que queremos e precisamos para mudar o mundo está aqui, nos territórios e comunidades, sendo criadas e recriadas a cada dia como práticas de resistências necessárias para seguir a vida. Se estamos vivas é porque resistimos e reinventamos. Basta calibrar nosso olhar para reconhecer, e coletivizar os esforços para valorizar essas tecnologias.

### **RESULTADOS: trabalhos finais apresentados pelas turmas**

Ao final da disciplina estudantes apresentaram um trabalho, que pode ser desenvolvido individualmente, em dupla ou trio, se valendo dos conceitos e práticas tratados no percurso para abordar um tema qualquer de seu interesse. Os temas que apareceram entre os trabalhos foram bastante variados, e mostraram o envolvimento da turma com o conjunto de debates elaborado ao longo do curso. Muitos trouxeram suas trajetórias de vida e trajetórias familiares, com destaque para forte presença de histórias de avós, que evidenciam as conexões entre Tecnologia, Trabalho, Saúde e Cuidado. Também ouvimos histórias de territórios e comunidades marcados pela violência colonial, e suas lutas para (re)existir. As vivências na universidade, em especial nos cursos de engenharia, fortemente marcadas por situações de assédio e violência, também apareceram em diferentes relatos das turmas, que fizeram da disciplina um espaço de resistência e reencontro.

---

<sup>11</sup> Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=oCHMG0XIHrE>



## XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade

12 a 14 de novembro de 2024

Salvador - BA, Brasil

Com alegria e pesar, apresentamos a seguir apenas dois desses relatos, representativos dos resultados alcançados nessa experiência de ensino feminista e contracolonial.

“Quase caindo, agarrei-me à teia  
Morada  
o que nos rodeia, nos cutuca, nos dirige um olhar desconfiado e pergunta  
“é isso que te move?”  
morada é estar no mundo, mas estar mais ainda em si  
é cair no fundo e entender que existe.  
é trazer de dentro o que duvida e põe tudo que foi construído à ponto do desmoronamento  
para então perceber que essa era a chave de tudo  
é conectar o passado, presente e futuro na fala mais complexa e desenvolvida para explicar o  
que é simples: somos um.  
Mas essa singularidade do todo está por hora(sss) deturpada.  
Indivíduo ou sociedade?  
Eu ou o outro?  
Caímos na cilada do ego sem nem questionar o sentido  
fugimos então na busca do que aguça os sentidos  
mas a cabeça pensa onde os pés pisam  
e com a mesma mentalidade anterior, os mesmos pés que caminham para o abismo tentam sair  
de lá repetindo os mesmos passos.  
Tragamos então um pouco de luz  
E as patas da Aranha, por vezes aprisionada e contida, escapam num lampejo de lucidez:  
- Eu sinto  
Assim como você, e todos que podem até tentar padronizar-se e silenciar as vibrações da teia  
das sensações  
Mas cultivamos a magia de ser um  
único e conjunto  
armazenado  
Nós.”

Poesia apresentada por Letícia Carneiro, estudante de Engenharia Ambiental, turma de 2022-2.

Uma estudante de psicologia<sup>12</sup>, da turma de 2023-1, apresentou em seu trabalho uma reflexão sobre sua história de vida na Maré, um território marcado pela violência policial, mas também de muitas boas memórias. Ela se pergunta: como uma pessoa favelada terá tempo de pensar e lidar com a saúde? Porque somos alvos desse genocídio cotidiano há décadas? E conclui que a favela é um território rico e potente, com grande variedade cultural, significativas manifestações de solidariedade, uma população trabalhadora aguerrida, pessoas que sabem cuidar, de si e de outres, e

---

<sup>12</sup> Não apresentamos o nome dessa estudante aqui para manter o anonimato no processo de avaliação do artigo, uma vez que ela é uma das autoras do texto. Na versão final do texto pretendemos incorporar seu nome neste relato.



## **XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**

Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade

**12 a 14 de novembro de 2024**

**Salvador - BA, Brasil**

nutrir a esperança de um mundo melhor. Talvez por isso o grande esforço do estado para exterminar essa gente, que luta dia-a-dia contra a lógica da dominação. A estudante termina seu trabalho com uma citação de Thaynara Santos, em uma matéria no Maré de Notícias Online:

Lutaremos dia e noite para que as medidas da ADPF das Favelas, conquistada pelos e para os favelados, sejam respeitadas e finalmente postas em prática. Lutaremos dia e noite para que não esqueçam que nossas vidas importam e que temos direitos! Como diz o ditado, somos madeira que cupim não rói. (Maré de Notícias, 2023).

### **OUTRAS CONSIDERAÇÕES**

Sem a pretensão de universalizar nossa experiência de ensino, esperamos que esse breve relato inspire docentes e discentes de outras universidades a experimentar caminhos para formação crítica, feminista e contracolonial no campo dos estudos do trabalho e da tecnologia.

Este relato não pôde, evidentemente, abarcar todas as dimensões da experiência, pelo limite de páginas do texto, mas também pelas próprias limitações da comunicação escrita. Destacamos a seguir alguns elementos que infelizmente não puderam ser aprofundados.

Não foi possível contar mais das experiências relatadas pelas convidadas das rodas de conversa. Destacamos que esses espaços e trocas foram fundamentais para a construção da disciplina, favorecendo as elaborações conceituais, mas também, e sobretudo, as relações de confiança e pertencimento da turma. Para as rodas de conversa buscamos ocupar outros espaços da universidade, e fora dela. Sair da sala de aula foi importante para a turma se movimentar, se colocar e se sentir no grupo de diferentes formas. Nesses momentos também organizamos lanches compartilhados, como forma de troca afetiva e de cuidado.

Além do trabalho apresentado pelos/as estudantes ao final do curso, utilizamos outros dois instrumentos para avaliação final da disciplina. Um formulário de auto-avaliação, onde cada um/a teve espaço para refletir sobre seu percurso pessoal; e



## XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Futuros reinventados: Construindo o amanhã com a linha da ancestralidade

12 a 14 de novembro de 2024

Salvador - BA, Brasil

uma espécie de “prova”, onde não existiam respostas certas ou erradas, e que também não teve uma nota, mas que foi importante para produzirmos uma síntese, num primeiro momento individual, e depois coletiva sobre os acúmulos da turma ao final do percurso. Infelizmente não conseguimos trazer essas sínteses para este artigo.

Por fim, cabe destacar que o ambiente da universidade tem sido bastante hostil a esse tipo de experiência. As turmas chegam muito exaustas e machucadas pelas violências cotidianas de uma academia marcada pela lógica colonial e opressora. Conquistar a confiança da turma e abrir de fato um espaço de diálogo íntimo e profundo exige um esforço imenso, não só da equipe docente, mas da turma como um todo, e nem sempre é possível. Quando conseguimos esse espaço as aulas podem virar espaços de catarses e denúncias coletivas, e os limites da sala de aula são insuficientes para lidar com tanto. Seguimos atentas e na esperança de dias melhores. Acreditamos na luta e na resistência do povo.

### BIBLIOGRAFIA

BRITO, Jussara; NEVES, Mary; ATHAYDE, Milton; Cadernos de textos: programa de formação em saúde, gênero e trabalho nas escolas. TEXTO 1: Saúde, cadê você? Cadê você? João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

DAVIS, Angela. Mulheres, Raça e Classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FEDERICI, Silvia. O Ponto Zero da Revolução. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. Memórias de Plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cabogó, 2019.

LE GUIN, Ursula K. A Ficção como Cesta: Uma teoria. Trad. Priscilla Mello. Revisão de Ellen Araujo e Marcio Goldman. [1986] 2020. Disponível em: [https://www.academia.edu/44858388/A\\_Fic%C3%A7%C3%A3o\\_como\\_Cesta\\_Uma\\_Teoria\\_The\\_Carrier\\_Bag\\_Theory\\_of\\_Fiction\\_Ursula\\_K\\_Le\\_Guin](https://www.academia.edu/44858388/A_Fic%C3%A7%C3%A3o_como_Cesta_Uma_Teoria_The_Carrier_Bag_Theory_of_Fiction_Ursula_K_Le_Guin). Acesso em: 29/08/2021.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. Revista Estudos Feministas, v. 22, n. 3, 2014.

TRONTO, Joan. Assistência democrática e democracias assistenciais. Sociedade e Estado, v. 22., n. 2, 2007.